

SUASSUNA, Marcos Vilar. *O bión, a quinta força e eu*. Recife: UFPE, 1992. 341 p.

Correu no meio científico a notícia de que um grupo de físicos, na Europa, pode ter descoberto a “partícula de Deus”. Essa informação recebeu destaque, em novembro de 2000, no *Times* de Londres, no *New York Times* e no *Los Angeles Times*, dos EUA. Não era para menos: se os fatos forem realmente verídicos, estará sendo descoberto um mundo totalmente novo para a física, abrindo horizontes jamais imaginados, nem mesmo após a Teoria da Relatividade de Einstein.

Durante décadas, cientistas do mundo inteiro procuraram por uma partícula invisível, responsável pela determinação das propriedades básicas da matéria, conhecida como *Bóson* de Higgs. Acreditava-se que tal partícula fosse uma parte vibratória do vácuo que permeia todo o Universo, e, com a sua detecção, seria capaz de responder a uma pergunta fundamental à qual os cientistas jamais ousaram dar uma resposta: por que a matéria tem massa?

Indícios do *Bóson*, suficientes para convencer os físicos, foram encontrados no Centro de Estudos e Pesquisas Nucleares de Genebra, Suíça, no ano de 2000, durante um processo de colisão de partículas, a alta velocidade, no interior de um acelerador de partículas.

A descoberta de Genebra deve ser confirmada como uma das maiores conquistas da ciência de todos os tempos. O vácuo estrutura tudo o que existe no Cosmos e mantém a matéria sob sua influência. Para os cientistas, o *Bóson* é visto hoje mais como um campo do que como uma partícula, constituindo-se em fundamental componente desse imenso “nada”. A sua importância para o Universo motivou alguns físicos a chamá-lo de “Partícula de Deus”.

Por outro lado, Dr. Marcos Vilar Suassuna, conceituado médico pediatra do Recife, paraibano, afastado hoje das atividades médicas, tem demonstrado enorme fascínio pela Biologia, campo no qual exercita suas reflexões na linha de uma verdadeira Antropologia Filosófica. No seu livro “*O Bión, a Quinta Força e Eu*”, publicado pela Editora Universitária da Universidade Federal de Pernambuco, em 1992, portanto quase uma década antes da aparição do *Bóson*, afirmou, ao tratar da evolução das espécies, existir um fenômeno de mutações coletivas e não em um só indivíduo, resultado de uma grande alteração cósmica, com a chegada de enormes quantidades de partículas, as quais denominou de *Bíons*, causando aristogênese e megamutações em todas as espécies, sendo essa a principal

razão do início súbito do *Homo sapiens* na face da terra, há muito mais tempo do que os cientistas imaginavam anteriormente (a prova disso foi o crânio de um homínídeo, com 7 milhões de anos, encontrado recentemente no norte da África, batizado de *Sahelanthropus tchadensis* e apelidado Toumai). Segundo Dr. Marcos, que não fez uso de aceleradores de partículas, a Biologia está repleta de fatos maravilhosos, sendo o homem o singularíssimo resultado de um plano cuidadosamente elaborado e seu futuro está cheio de belas e novas possibilidades, pois continuará a evoluir, regido pela força dos *Bíons*.

Se nos perguntarem em qual das duas partículas acreditar, aquele *Bóson* de Higgs, que irá resultar em um mundo totalmente novo para a física ou o *Bíon* de Dr. Marcos, que certamente irá revolucionar a biologia, estaremos inclinados a aceitar a segunda alternativa, pois não iremos tratar das questões do Universo através de parâmetros do vácuo frio e invisível que o permeia, e, sim, de um alento, de uma tentativa de esclarecimento de quem somos e para onde vamos. O *Bíon* de Dr. Marcos nos parece revelar um verdadeiro sopro de vida.

João Suassuna  
Fundação Joaquim Nabuco

FONSECA, Homero. *A vida é fêmea*. Recife: Comunigraf Editora, 2000, 111p.

Se escrever ficção digna de respeito não é coisa para qualquer um, escrever literatura erótica demanda virtudes literárias artísticas especiais a quem nela se aventura. O mesmo acontece com a literatura humorística. Quantos escritores não naufragaram nas águas aliantes do erotismo e do humanismo? Humorismo é coisa muito séria para ser entregue a qualquer engraçadinho. E de tal modo que escritores há que, ao tentar fazê-lo, terminaram por descambar para a mais deplorável das tragédias de que pode ser vítima um ficcionista literário.

Já o erotismo em literatura e na arte em geral tem o seu maior problema na freqüente dificuldade – às vezes impossibilidade – de demarcar com alguma precisão as fronteiras entre o erótico e o pornográfico, como ocorre com os célebres libertinos do século XVIII. Até mesmo porque os dois podem coexistir sem dissonância alguma em uma mesma obra. Não será o clássico *Fanny Hill*, de John Clelland?